



Mixofilia e mixofobia entre judeus e palestinos em *A bolha/Ha-Buah*, de Eytan Fox

Mixophilia and Mixophobia Between Jews and Palestinians in *The Bubble/Ha-Buah* by Eytan Fox

Jorge Alves Santana*

Universidade Federal de Goiás (UFG) | Goiás, Brasil

letrasjorge@bol.com.br

Resumo: O cineasta israelense Eytan Fox dirige *A bolha/Ha-Buah* (2006), um filme que trata do conflito Israelo-palestino na cartografia de Tel Aviv-Yafo e da Cisjordânia. A trama gira em torno do amor impossível entre o judeu Noam e o palestino Ashraf. Ambos os jovens se encontram casualmente em um *checkpoint* entre a Cisjordânia e Israel. Esse encontro os unirá no contexto multicultural bélico em que estão dispostos arbitrariamente. Nesse complexo e crítico panorama acional, abordaremos os dispositivos psicossociais que movem esses personagens nos sistemáticos confrontos e nas salutares negociações que objetivam a síntese disjuntiva inclusiva das situações em que estão insertos/incertos. Das fronteiras físicas de difícil transposição que criam constantemente as figuras dos “estranhos”, refletiremos sobre esse encontro fecundo, apesar da natureza histórica desse contexto inóspito, e sobre como são e ocorrem as possibilidades de coexistências nos aspectos do “existir-ao lado de”, do “existir-com” e do “existir-para” que nos indicam os campos da mixofilia (a amizade ao estrangeiro/diferente) e da mixofobia (o medo ao estrangeiro/diferente), com o apoio das reflexões de Zygmunt Bauman (2013; 1998; 1995). Também acompanharemos tais negociações no âmbito dos princípios da ações e das subjetivações molares e moleculares, conceitos refletidos por Félix Guattari e Suely Rolnik (1986) bem como utilizaremos para historicizar esse estudo, alguns dados do B'TSELEN - *The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories* - (2017a; 2017b; 2017c; 2017d); por fim, acompanharemos os sentidos do caráter diaspórico no viés de Stuart Hall (2001), que envolvem essas multiétnoras que são tanto causadoras quanto vítimas desse brutalizador conflito sociopolítico e cultural.

Palavras-Chave: *A Bolha/Ha-Buah*. Eytan Fox. Conflito Israelopalestino.

* Professor Associado III da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Membro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.



Abstract: Israeli filmmaker Eytan Fox directs *The Bubble/Ha-Buha* (2006), a filmic textuality that deals with the Israeli-Palestinian conflict in the cartography of Tel Aviv-Yafo and the West Bank. The plot revolves around the impossible love between the Jew Noam and the Palestinian Ashraf. Both young men casually meet at a checkpoint between the West Bank and Israel. This meeting will draw them together in this multicultural and military context, in which they are arbitrarily placed. Within this complex and critical acional panorama, we will approach the psychosocial devices that move these boys in the systematic confrontations and salutary negotiations that aim at the inclusive disjunctive synthesis of the situations in which they are inserted/uncertain. From the physical boundaries of difficult transposition that constantly create the figures of "strangers", we will reflect on this fruitful encounter, despite the inhospitable context, and on how the possibilities of coexistence are in the aspects of "being-beside", of "being-with" and "existence-for", which indicate us the fields of xenophilia (the friendship to the foreigner/different) and of the xenofobia (the fear to the foreigner/different) with the support of the reflections of Zygmunt Bauman (2013; 1998, 1995). We will also follow such psychosocial negotiations within the framework of the principles of molar and molecular actions and subjective, concepts reflected by Felix Guattari and Suely Rolnik (1986). As well as we will use, to historicize this study, data from B'TSELEN - The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories - (2017a; 2017b; 2017c; 2017d). Finally, we will follow the senses of the diasporic character, by Stuart Hall (2001), which involves these multi-connections that are both the cause and the victims of this brutalizing sociopolitical and cultural conflict.

Keywords: *The Bubble/Ha-Buah*. Eytan Fox. Israeli-Palestinian Conflict.

Noam: Meu pai era o presidente do comitê de bairro. Havia reclamações sobre crianças árabes assustando outras crianças. Então ele deu uma ordem que impedia os meninos de Issawiya de jogarem ali. Minha mãe teve uma briga terrível com ele. Ela convidou todas as mães e crianças de Issawiya para virem a uma festa de reconciliação no pátio do recreio. Meu pai riu dela. "Tente a paz



mundial.” Ele disse que ninguém viria. E no dia da festa, ninguém veio.

(A bolha/Ha-Buah. Eytan Fox, 2016.)

A necessidade de desenvolver, aprender e praticar a arte de conviver com os estranhos e sua diferença em base permanente e cotidiana é inescapável também por outra razão: não importa o esforço que os governos façam para evitá-los, não é provável que os migrantes parem de bater às portas de um país, da mesma forma que é improvável que estas permaneçam fechadas.

(Zygmunt Bauman)

Mostrar um inferno não significa, está claro, dizer-nos algo sobre como retirar as pessoas do inferno, como amainar as chamas do inferno. Contudo, parece constituir um bem em si mesmo reconhecer, ampliar a consciência de quanto sofrimento causado pela crueldade humana existe no mundo que partilhamos com os outros.

(Susan Sontag)

Introdução

A sequência inicial¹ do filme *A bolha/Ah-Buah*, de Eytan Fox² (2006), ocorre em um *checkpoint* (posto de controle) entre os territórios da Cisjordânia e de Israel.

¹ Por sequência fílmica, usamos os procedimentos analíticos propostos por VANOYE; GOLIOT (1994), destacando o fenômeno em sua integridade temática/expressiva com início, meio e fim; sendo que tal componente específico possui sua organicidade no todo narrativo. Observamos também que a perspectiva aqui usada estende a metodologia formal ou estrutural rumo ao campo dos Estudos Culturais, nos elos em que se pode perceber o filme como textualidade relativamente semelhante aos demais produtos culturais de nossa contemporaneidade.



Soldados das Forças de Defesa de Israel (*Israeli Defense Forces-IDF*) revistam um grupo de árabes palestinos, monitorando e fiscalizando sua entrada rumo a Jerusalém, a Tel Aviv-Yafo³ e a outras cidades israelenses e palestinas.

O grupo palestino é intergeracional, ou seja, formado por pessoas adolescentes, jovens, adultas e velhas; bem como por gêneros variados. Todos são parados sistematicamente nessa fronteira para mostrarem suas IDs (*Teudat Zehut*) ou suas autorizações para permanência temporária em solo israelense. Desse grupo, destaca-se uma jovem grávida, que ao receber a ordem de mostrar o que supostamente escondia debaixo de sua túnica volumosa, descontrola-se emocionalmente e inicia seu trabalho de parto de modo abrupto. Membros dos dois grupos a ajudam de modo improvisado, enquanto aguardam a ambulância que fora acionada. Em questão de minutos, um jovem palestino e um jovem árabe destacam-se do grupo maior, tentando dar curso ao trabalho de parto da jovem. A ambulância chega rapidamente nesse caso e a equipe médica toma conta da situação. No entanto, não se consegue salvar o bebê palestino que pelo imprevisto e inusitado da situação, morre deixando a parturiente em estado de pranto inconsolável.

² Eytan Fox, nascido em Nova York em 1964 e residindo em Israel desde os dois anos, é diretor israelense de cinema, possuindo um ainda pequeno número de longas-metragens. Seus filmes são apreciados e premiados em vários festivais mundiais de cinema, como o de Cannes. De modo recorrente suas temáticas giram em torno das causas israelenses e árabes palestinas, tais como: a vida dos jovens no exército, as relações afetivas homoeróticas, os encontros e confrontos israelo-palestinos, as judaicas mobilidades psicossociais contemporâneas, as relações intergeracionais e multiétnicorraciais, entre outras. Fox convive de modo íntimo com as comunidades plurais e heterogêneas que preenchem os espaços e lugares de Jerusalém e, sobretudo, aquelas de Tel Aviv-Yafo. Para maiores informações, queira conferir mais dados sobre Fox em BROWN (2017), além de filmes com temáticas correlatas às do que aqui analisamos em FOX (2012; 2006, 2004, 2002).

³ Usamos o nome composto para essas duas cidades por questões históricas e políticas. A finalidade básica é a de mantermos os vínculos entre a cidade árabe palestina, Yafo, milenar por origem e desenvolvimento, com a cidade israelense, Tel Aviv, de história de formação recente (anos 20 do século passado), com conexão vital com a primeira. Talvez disso surja sua aura de tolerância entre os dois povos, nesse região específica, e seus simbolismos de possíveis acordos pacifistas.



O jovem soldado israelense é Noam (Ohad Knoller) e o jovem palestino é Ashraf (Yousef Sweid). Ambos destacam-se dos dois grupos opostos de modo singular. Um processo empático liga os dois de imediato. Quando Noam percebe a morte trágica do bebê palestino, toma imediatamente a decisão de sair do serviço militar,⁴ retornando para Tel Aviv-Yafo. No entanto, perde sua ID nesse posto de controle. Tal perda é resolvida por Ashraf que procurará o rapaz em sua cidade para lhe entregar o documento. Dessa forma, iniciam-se os núcleos acionais que montam essa instigante textualidade fílmica sobre empatias imediatas e amores proibidos pelas condições beligerantes na quais essas duas etnias estão inseridas/incertas.

Noam e Ashraf se envolverão em um intenso caso de amor homoafetivo, tendo como contorno o grupo de jovens amigos do primeiro, e amigos e familiares do segundo, que habitam a cidade de Nablus, na Cisjordânia, e com frequência habitual em Israel. Na maior parte das sequências fílmicas, veremos que o jovem palestino conseguirá, via negociações psicossociais, fazer parte do tolerante e pacifista grupo de amigos israelenses, coordenado e mantido por Noam.

Nesse quadro de relações pessoais, sociais e políticas, acompanhamos esse casal imerso em um campo de guerra milenares, sobre as quais ambos questionam as origens e procuram, sistemática ou assistematicamente, encontrar soluções para a coexistência tolerável e cooperativa entre os dois povos.

Com base nesse filme escolhido, refletiremos sobre as sociedades palestina e israelense em seus móveis de construção de fronteiras e nas tentativas de suas desconstruções. Contextos nos quais seguiremos os casos particulares das consequências causadas pelos postos de controle físico e simbólico e das respectivas outridades construídas como pessoas estranhas e perigosas, que podem ir de encontro a ordenamentos sociais tidos como adequados aos princípios de convivências tradicionais dos respectivos lados dos conflitos.

⁴ O roteiro não deixa claro se o jovem judeu estava em seu último dia de serviço militar obrigatório ou se ele se insurge contra essa obrigação, abandonado tal serviço. O fato, no entanto, lembra da atual e já um tanto rotineira insurgência/manifestação política de adolescentes e jovens israelenses quanto à essa polêmica exigência do governo. Para esse tema, que aborda exemplarmente a situação dos *Shministim* – os estudantes do décimo segundo ano e segmentos afins, nas práticas da objeção de consciência, ver: PERRY (2011); EZRAHI; BULLETS (1997) BURCH (2017).



Ao lado das engenharias das guerras quase neotribais que ferem amplamente o campo dos direitos humanos, para ambos os lados sociais desse texto fílmico e, sobretudo, para as comunidades palestinas dos territórios ocupados e afins, também acompanhamos os dispositivos pacifistas que as duas sociedades tentam construir e implementar em suas realidades cotidianas, mesmo que em condições críticas de beligerância disseminada. Nesse ponto, abordaremos as relações de coexistências refletidas por Zygmunt Bauman (2013; 1998; 1995) quanto às possibilidades de coexistências dispostas nos modos de: “existir-ao lado de”, “existir-com” e “existir-para”. Por fim, de acordo com a proposta estética e sociopolítica de Eytan Fox, perceberemos como a dinâmica antropopolítica gira em torno, paradoxalmente, da relação tensionada entre mixofilia possível com a notória mixofobia, dinâmica essa capaz de adensar, ou de diminuir, a sensação de *apartheid* produtor e indutor de divisões entre essas duas culturas tão distantes, de acordo com algumas tendências históricas separatistas, e, ao mesmo tempo, tão próximas, de acordo com outras tendências históricas de inclusão multicultural.

1 Checkpoint entre Tel Aviv-Yafo e Nablus: a produção do estranho

Quando Ashraf se encontra com Noam em Tel Aviv-Yafo para lhe devolver a ID, como mencionamos na introdução, inicia-se um elo romântico entre eles. O grupo do rapaz judeu – seu amigo Yelli (Alon Friedman) e Lulu (Daniela Virtzer) – de início estranha o contexto inusitado, porém tende a compreender a relação, tolerando e aceitando o convívio com o novo morador temporário do pequeno apartamento que dividem. Esse apartamento é localizado na rua Sheinkin, nas redondezas das Avenidas Allenby e Rothschild. Tal espacialidade é conhecida pela tolerância quanto ao caráter multicultural da cidade e quanto ao otimizado nível de vivência e de convivência entre artistas, ativistas culturais, intelectuais outsiders e outros tipos humanos. Curiosamente, desse espaço, no entanto, não se avista o Mar Mediterrâneo que é bloqueado pelos altos prédios contemporâneos. Disso, também surge o título do filme, *A bolha/Ha-Buah*.

Tel Aviv-Yafo é de início duplamente tida como enredada pela imagem da bolha, seja como anteparo protetor, seja como anteparo de ataque. Na primeira conformação, pela questão social, há separatismos mesmo dentro da própria cidade que possui distritos/bairros diferenciados, sendo que uns são mais culturalmente liberais que os outros. Na segunda, vemos como a geopolítica da cidade também funciona como obstáculo para mobilidades e integrações pragmáticas nas variadas esferas da vida social que é densamente multicultural em relação as demais regiões de Israel, da Palestina e de territórios afins.



Nessa cidade cosmopolita e multicomposta, quase um bastião das políticas pacifistas e de inclusão entre as diferenças, acompanhamos o desabrochar do amor homoafetivo entre Noam e Ashraf. Percebemos, nesse quadro, que após sua primeira relação sexual que acontece em uma varanda que dá para a impossível visão do mediterrâneo, o judeu conta para o amante palestino sua impressão sobre a vivência em uma cidade relativamente libertária, porém, paradoxalmente inserida em uma bolha, ou em várias bolhas, que lhes pode limitar aspirações, desejos e ações práticas. Vejamos tal opinião:

Noam: Tel Aviv, Ashraf. Ashraf, Tel Aviv. O mar termina aqui, mas não pode ser visto. Os idiotas europeus que construíram a cidade em 1920, não sabiam muito sobre o Mediterrâneo. Eles a construíram atrás do mar. As ruas são paralelas ao mar e bloqueiam a brisa. Os hotéis altos bloqueiam tudo. É por isso que aqui não tem ar. Você está suando? Eu estou suando (FOX, 2006, 01h38m).⁵

Noam reflete sobre as espacialidades e sobre os lugares que a tradição histórica de seu povo, em contato dialógico com outros povos, fora capaz de construir para os jovens de sua geração. Sua consciência de si mesmo, de seu grupo social, de seu círculo de amigos, acaba por nos sugerir que a presença da cidade bolha se multiplica incessantemente em várias outras bolhas de coexistência normatizada, algumas, e relativamente inclusivas, outras.

Se o rapaz, nessa inusitada relação romântica, não se assusta tanto em levar para seu lar alguém que há pouco tempo lhe era completamente desconhecido e, ainda, inimigo, segundo princípios hegemônicos da plataforma governamental de Israel, o mesmo não ocorre com seus dois amigos e companheiros de lar. Lulu, um vendedora de cosméticos e aspirante à arte do *designer*, e Yelli, funcionário de um pequeno e juvenil bistrô, se preocuparão, de formas diferentes, com as consequências políticas que o visitante pode lhes ocasionar. Mais Yelli que Lulu, pois a garota apresenta um *quantum* significativo de simpatia e empatia para defender e implementar causas pacifistas, além de expressar grande intolerância para com as políticas segregacionistas pregadas sistematicamente pelo governo israelense.

Uma exigência de coexistência entre diferentes nos é dada pela narrativa fílmica de Eytan Fox. Jovens tolerantes, apesar de seus medos quanto a processos de opressão política, exercitam suas subjetivações relacionais de modo prolífico.

⁵ Queira observar que nas referências das sequências fílmicas transcritas, a marcação temporal ocorre em ordem decrescente.



Apesar dos bônus que tais ações usualmente lhes cobram, imergem corajosamente no campo da produção de identidades transversais junto à pessoas tidas como estranhas e disfuncionais quanto a ordem convencional e hegemônica de sua rede institucional. Tal exercício existencial, possui, pois, seu lado delicado e otimista e, ao mesmo tempo, o lado pungente e perigoso. Lembramo-nos, nesse ponto, das reflexões que Zygmunt Bauman nos faz quanto ao fenômeno da coexistência, para ele:

A coexistência dá-se de muitas maneiras. Há uma coexistência móvel, a da rua animada ou do centro comercial. Um lugar de passagem, uma proximidade momentânea e uma separação imediata. Um lugar móvel de conteúdo líquido; à medida que o lugar se move, as figuras são atraídas (ou aspiradas) para o seu interior e saem dele (ou são ejectadas) — algumas delas visivelmente autopropulsionadas, algumas outras postas em andamento virtual pelo simples movimento do próprio espaço móvel. Só algumas figuras têm probabilidade de se condensarem em estrangeiros, em seres com intenções, seres cujas intenções contam embora sejam desconhecidas, e contam porque são desconhecidas. (BAUMAN, 2007, p. 55-56).

Da invisibilidade, a outridade passa a ser tida como elemento humano estrangeiro. Na hierarquia das diferenças pessoais possíveis, a do estrangeiro já apresenta certo relevo para a comunidade que o constrói e o recebe de modo condicional e condicionante. O relevo presencial, nesse caso, ainda é vago e nebuloso, pois a pessoa não entrou em nosso campo de relações pessoais e sociais mais próximo. O sujeito “de fora” nos aparecerá no campo periférico das relações potenciais que podem efetivar-se, ou não, no correr do cotidiano. Os espaços de onde vêm ainda não conformarão os espaços dos quais nos julgamos coautores apropriados. A pessoa tida como estranha pode ser percebida como uma fonte de risco para a ordem estabelecida. Porém tal condição pode não se concretizar quando elas simplesmente passam ao nosso lado e seguem o curso de seus espaços e de suas vidas sem nos alterar em nada a tal ordem construída por nossas disposições habituais. Sobre a coexistência de movimentos vagos que temos “ao lado de” pessoas ainda desconhecidas/estranhas, Bauman também reflete sobre a coexistência estacionária; ou seja, aquelas situações nas quais somos instados a permanecer ao lado de outras pessoas, seguindo ao lado, por exemplo, em mesmos móveis, por mesmas direções e para mesmos ou próximos lugares. Para ele, dando-nos um exemplo desse contexto,



[...] a forma estacionária de coexistência da carruagem de comboio, da cabina de avião ou da sala de espera. A coexistência de estranhos que sabem que partirão em breve, cada um deles pelo seu lado, para nunca mais se encontrarem — mas, antes desse momento, são obrigados a partilhar este espaço aqui e agora, e não «em vista de» qualquer coisa em particular, não porque aquilo que têm para fazer exija deles que estejam fisicamente ao alcance uns dos outros. (BAUMAN, 2007, p. 55-56).

Como no primeiro caso, essas pessoas tidas como estranhas e no exercício da coexistência não necessitam de fatalmente, por um grande número de variáveis, continuarem juntas *a posteriori*. Uma pessoa não afetaria a modalidade vivencial da outra, seguindo seus rumos tradicionais e, no caso, diferentes. O contanto temporário, nessa modalidade de convívio estacionário, talvez não acarrete conflitos maiores que não aquele de certo constrangimento em ficarmos ao lado de pessoas das quais não conhecemos ainda, e de modo adequado, as crenças, os hábitos, os comportamentos, entre outros elementos configuradores de identidades tradicionais ou transversais.

Abordamos esses dois fatos da coexistência humana entre tipos psicossociais diferenciados no intuito de refletirmos sobre os comportamentos desenvolvidos nos núcleos de ações conflituosas e de negociações que ocorrem no filme em estudo. Nessa narrativa, observamos que existem exigências mais complexas e profundas sobre as possibilidades de coexistências.

2 Dispositivos pacifistas e as delicadas disposições do “existir-com” e do “existir-para”

O círculo de amizades e de amores conformado por Noam, nas sequências das ações fílmicas, apesar do aparente não envolvimento com questões políticas sobre os conflitos israelo-palestinos, demonstrará ser capaz de profundas conscientizações, mobilizações e intervenções práticas nas tradições sociais da cidade e das duas sociedades já amplamente hibridizadas, no sentido da coexistência próxima e de influências culturais e políticas recíprocas.

Tel Aviv-Yafo, mesmo com sua compleição de espaço protegido pela sua conformação de bolha, não é um território que facilmente se deixa alienar. Porta-se, talvez pelo seus densos e complexos substratos multiculturais e transculturais, como um campo de coexistências diversas e corajosas. Tais campos supõem e propõem coexistências diversas de outras cidades, sejam palestinas, sejam israelenses.



O cosmopolitismo⁶ dessa cidade propicia um campo dialógico inusitado para Noam e Ashraf. Mais do que amantes improváveis, em pouco tempo tornam-se companheiros capazes de compartilharem, de modo recíproco, suas histórias de vida pessoal e coletiva. Cada um se encaminha ao encontro do outro, *a priori*, em seus universos sociais particulares, porém, encontrando-se misteriosamente em algumas fases de suas vidas; fases essas que baseiam o dialogismo do casal. Percebemos esse viés do encontro dialógico, amoroso e também de caráter social quando os dois se dão conta de que moraram em Jerusalém em um período comum de suas vidas, na infância. Ou seja, foram conterrâneos e contemporâneos na cidade classicamente dividida entre israelenses e palestinos. Vejamos o diálogo:

Ashraf: Onde você morava em Jerusalém?

Noam: French Hill.

Ashraf: Verdade? Eu morava em Issawiya.

Noam: Verdade? Como nunca me falou?

Ashraf: Eu era muito novo quando partimos. Não posso me lembrar bem.

Noam: Talvez fôssemos vizinhos.

Ashraf: É possível. Meu pai nasceu ali. Todos de sua família são de Jerusalém.

Noam: Então você tem uma ID de Israel?

Ashraf: Eu tinha. Vivíamos na casa de meus avós. Quando minha irmã mais nova nasceu, ficou cheio de gente. Então meu pai começou a construção da casa nova. Pediu dinheiro emprestado. Usou a poupança dele. Construiu a

⁶ Cosmopolitismo e multiculturalismos são bases de Tel Aviv-Yafo reconhecidas internacionalmente. Esse fato torna a cidade um dos lugares bem valorizados pra viagens de turismo, de estudos, de imersão cultural em várias artes como a dança, a música, o teatro, a pintura, a arquitetura entre tantas outras produções artísticas sistematicamente difundidas e consolidadas na cidade. Destacamos aqui, dessa riqueza cultural, a sequência em que nosso casal de protagonistas assistem à peça teatral *Bent*, de Martin Sherman (1979) que trata de um caso de amor homoafetivo em um dos campos de concentração da Segunda Grande Guerra Mundial. Tal evento tem a função da estratégia de *mise en abyme* para a narrativa central do filme, pois fala de um amor proibido em condições de um crônico conflito político-social. Este é apenas um dos exemplos da pujança artística da cidade que a configura como uma espécie de oásis cultural e de tolerâncias políticas da região.



casa com a família e com amigos. Estava indo bem. Minha irmã e eu podíamos correr ao redor, decidindo com que quarto ficaríamos. E então, autorizaram a demolição.

Noam: E o que aconteceu?

Ashraf: O que aconteceu? Um dia um trator apareceu e demoliu tudo. Minha mãe estava fora gritando, mas não adiantou nada. Em uma hora, tudo acabou.

Noam: E o que você fez?

Ashraf: Eu era criança. O que faria? Atirei pedras no trator, mas meu pai me deteve. Naquela tarde nos disse que mudaríamos para um lugar nosso. Nós partimos. Devolvemos nossas IDs e nos mudamos para Nablus. Minha mãe discutiu com ele. Ela disse que era bom ter IDs de Israel. Mas meu pai recusou. Não quis levá-las. (FOX, 2006, 01h04m).

O palestino, como sua família de destino trágico, possuía uma ID de Israel. Documento de identidade esse que lhe fora retirado em função da mágoa que o pai passa a ter do povo que não o soube receber no campo de seus direitos políticos, na perspectiva inclusiva. No entanto, mais do que rememoração envolta em afetos negativos, o relato do jovem também é influenciado pela percepção de que o encontro entre pessoas diferentes pode tornar-se uma situação fecunda, na qual se pode ser capaz de produzir negociação justas para os equilíbrios dialéticos que a delicada micropolítica⁷ exige frente à finalidade de se modificar macroestruturas.

⁷ Por micropolítica, frente à macropolítica, por exemplo, dos grupos sociais institucionalizados, seguimos as reflexões de Gilles Deleuze e Suely Rolnik. Como essa perspectiva lastreia esse nosso estudo, achamos por bem citá-los mais a contento: "A questão da micropolítica – ou seja, a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social – diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de "molar"), com aquele que chamei de "molecular". Entre esses dois níveis, não há uma oposição distintiva que dependa do princípio lógico de contradição. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica. Na Física Quântica, por exemplo, foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória ao mesmo tempo. Da mesma forma, as lutas sociais são, ao mesmo tempo, molares e moleculares. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 127-128. Destaques dos autores).



Essa aproximação no campo da convivência amorosa estende-se àquelas também de cunho social, como insistimos em refletir. O campo individual expresso/representado nesse texto fílmico nos chama a atenção para o caráter psicossocial marcado na constituição de suas personagens. Tanto o casal protagonista quanto os dois amigos que lhes são mais íntimos, Lulu e Yelli, agirão de modo prático para transformar as formas de coexistência que lhes foram ensinadas por suas tradições culturais conservadoras. O alvo maior será justamente o desmonte dos tradicionalismos relacionais impostos através de milênios que produzem e reproduzem o campo de multietnorraças em sistemáticos confrontos usualmente alienados e alienantes.

Sobre o fenômeno básico da sociabilidade produtiva e cooperativa, voltamos às reflexões de Zygmunt Bauman que nos apresenta três contextos peculiares e complementares de nossas coexistências psicossociais e pragmáticas. Para esse pensador, temos as possibilidades móveis e inclusivas do “existir-ao lado de”, do “existir-com” e do “existir-para”. Os três tipos são produzidos e dispostos em uma gradação de vinculação de uma pessoa com a outra, tanto de modo singularizado quanto pluralizado. Assim, nas possibilidades do “existir-ao lado de”, temos que

[...] as pessoas estão ao lado umas das outras; a sua co-presença é da modalidade de existir-ao lado. Como é evidente, numa perspectiva panorâmica, a presença dos outros ainda que seja uma simples presença-ao lado, é significativa: o campo da acção não está vazio, os recursos que comporta têm de ser partilhados, e o que os outros fazem ou podem fazer determina de certo modo, indirectamente, a exequibilidade dos fins e o leque das estratégias viáveis; mas as pessoas imersas na situação de coexistência não dispõem do recuo suficiente para formarem uma visão panorâmica, dificilmente o poderão obter e têm pouco tempo para a cultivarem. (BAUMAN, 2007, p. 61).

Tal coexistência assemelha-se àquelas que mencionamos como de móvel ou estacionária, sendo que os vínculos entre as pessoas são frágeis e incapazes de acordos de cooperação/empenhamento capazes de produzir laços e responsabilidades importantes para a continuidade das vidas sujeitos envolvidos. Os movimentos singulares não se entrecruzam para um núcleo comum, tornando-se dispersivos nas singularidades e diferenças. Os seres



continuam no campo da estranheza recíproca que, usualmente, são percebidas como sinais de perigo ao eu temos como universos existenciais familiares e controláveis. No quadro, as pessoas não são parceiras de contatos fecundos quanto a produtividade colaborativa positiva.

A possibilidade do “existir-com” já possui um quanto de cooperação de razão prática, pois supõe um empenhamento recíproco. O campo da coexistência já passa a ser coautorial no empenhamento recíproco dos envolvidos nas mobilidades e nos contatos psicossociais. Para Bauman:

Do existir-ao lado, os outros seleccionados passam à modalidade do existir-com. Eis que são agora objectos de atenção: entram agora no campo da visão as condições de dependência mútua que precedem a interação, sobrevêm durante esta e/ou são negociadas e modificadas durante o contacto — ao mesmo tempo, que se tornam relevantes na circunstância actual e passam a ser objectos de pensamento e de decisão. (BAUMAN, 2007, p. 61).

Tal possibilidade supõe vinculações entre pessoas em processo contínuo de formação como sujeitos e que investirão no campo de produção de modo recíproco e efetivamente cooperativo. A despreocupação egocêntrica é atenuada para que o sujeito invista suas ações no campo vivencial alheio a ponto de que seus investimentos acionais pareçam não lhe pertencer mais. Há aí, pois, aquela ambiência da empatia que ontologicamente coloca a produção de subjetivações no âmbito da dialogia intrínseca ao processo da humanização do ser.

A gradação do empenhamento com a alteridade chega ao seu auge, quando Bauman nos explica a possibilidade/a exigência do “existir-para”. Segundo ele:

O existir-para é um salto do isolamento para a unidade — ainda que não para a fusão, com que os místicos sonham como maneira de alijarem o fardo da identidade, mas antes para uma combinação cujas qualidades mais preciosas dependem por inteiro da preservação dos ingredientes de alteridade e de identidade. (BAUMAN, 2007, p. 62-63).

Cuidar do bem-estar de outra pessoa, seja ela de que natureza e condição for, é a base para essa terceira possibilidade de inclusão humanitária e coexistencial. A posição é de empenhamento de responsabilidade que abole a atmosfera de perigo e de desconhecimento daqueles que consideramos estranhos e pelos



quais montamos nossos dispositivos supostamente protetivos como os de fronteiras, muros e ações de exclusões por vezes mortais.

Dadas as relações complexas e inclusivas das coexistências políticas e psicossociais, percebemos que Noam e Ashraf vão ampliando seus campos de contato e de envolvimento. Do par amoroso singularizado, abrem-se para a rede de amigos. Da rede de amigos, abrem-se para as questões urbanas mais complexas de Tel Aviv-Yafo. Da cidade, abrem-se para a dimensão maior dos dois estados em guerra. De acordo com cada potência do segmento/campo mais íntimo, vemos que, principalmente os quatro jovens, deixam certo medo do envolvimento com as causas política prementes e encaram o *front* ampliado e heterogêneo da causa pacifista.⁸

Entre tantos exemplos das ações de mobilização e de intervenção contra a ocupação dos territórios palestinos, o grupo auxilia na montagem de uma *rave*, festa juvenil neotribal com sons e luzes e danças contemporâneos. Esse encontro ocorre em uma praia da cidade e mobiliza a juventude de vários segmentos da região. O que os une é a crença na necessidade de se desconstruir os dispositivos de ódio e de destruição maciça entre árabes palestinos e judeus. Tal atividade exige esforços e sacrifícios pessoais, financeiros e ideológicos diante de duas sociedades amparadas ainda nos lugares falsamente apaziguados de suas tradições. No caso, certos segmentos de jovens judeus unem-se para desterritorializar as práticas de mobilidades psicossociais eficazes na construção notória dos campos da morte da outridade que não se coaduna com o *status quo*. Esses jovens exercitam a saída do campo da convivência do “existir-ao-lado de” para a relação do “existir-com” e, de modo mais intenso e empenhado, na exigente e radical relação do “existir-para”, na qual as fronteiras tão bem

⁸ Por mais que tenhamos notícias dos conflitos bélicos intensos entre palestinos e judeus, também sabemos dos esforços dos dois lados pelo cessar fogo completo. Tal objetivo pacifista é lastreado por diversos projetos de acordos, como a unificação dos dois estados multiétnico, a singularização colaborativa de cada estado, entre outros. Essas linhas de forças pacifistas são de cunho regional e, também, internacional. Há décadas o mundo volve seu olhar para essa parte oriental, tentando também auxiliar no término dos conflitos. Sobre as origens geopolíticas de tais conflitos e os recorrentes esforços pacificadores, acompanhamos FOUNDATION FOR MIDDLE EAST PEACE (2017), BEN-MEIR (2017a; 2017b; 2017c; 2017d); DUPAS; IGEVANI (2002), YAZBEK (1987), MORRIS (1999) e OZ (1994; 1993).



demarcadas pelos inúmeros postos de controle⁹ e muros, por exemplo, podem ser desmontadas.

Não podemos nos esquecer do quadro íntimo, e social ampliado, que envolve, antes da situação social descrita acima, nosso casal de protagonistas. Quando Noam, no início do filme, perde sua ID no posto de controle entre Nablus e Tel Aviv-Yafo, é Ashraf que encontra o documento e o devolve ao judeu. Assim, subjetivações da convivência do “existir-com” e do “existir-para” já são colocadas em fluxos que baseiam as identidades não individualizadas e, sim, transversais, pois são conformadas nas responsabilidades recíprocas. Os dois jovens juntam-se, pois, para compreender tais produções identitárias historicizadas de modo arbitrário. Na coautoria de si mesmos e das sociedades em que vivem, a complexidade e riqueza da rede de convivência alarga-se para espaços, lugares e subjetivações mais amplas. Das microrresistências (natureza molecular) afeta-se, então os macropoderes (natureza molecular) das instituições tradicionais e hegemônicas.

3 A mixofilia possível em um *playground* de Jerusalém

O caráter da empatia socioafetiva que acompanhamos na constituição do casal homoafetivo e multiétnico do filme em estudo, destaca-nos condições de coexistências contemporâneas, como refletimos acima. Duas situações são destacadas em contextos semelhantes, como reflete Zygmunt Bauman. São as relações de curiosidade e de respeito relacional ao que ainda nos é estranho, o caso da mixofilia, e medo e insegurança quanto ao que não conhecemos de modo supostamente seguro. Nas palavras de Bauman:

Há duas reações opostas a esse fenômeno nas cidades contemporâneas [e nos países contemporâneos]: a mixofobia, o típico medo de se envolver com estrangeiros, e a mixofilia, o prazer de estar num ambiente diferente e

⁹ Sobre a brutalidade separatista ocasionada pelos inúmeros postos de controle entre territórios israelenses e palestinos, bem sabemos como tais dispositivos de exclusão ferem o conjunto dos direitos humanos. As violências de várias naturezas, as exclusões sociais e econômicas, a invisibilidade política, enfim, os constrangimentos diários que esses mecanismos, entre tantos outros semelhantes, causam são crônicos de forma predominante nas vidas da população palestina com médio e baixo poder de capitais. Acompanhamos tais dados bem descritos e explicados em sua estrutura e funcionalidade em B'TSELEN – *The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories* (2017a; 2017b; 2017c; 2017d).



estimulante. As duas tendências conflitantes têm mais ou menos a mesma força: às vezes prevalece a primeira, às vezes a segunda. Não podemos dizer qual delas vai triunfar, mas, em nosso mundo globalizado, interconectado e interdependente, o que fazemos nas ruas, nas escolas primárias e secundárias, nos lugares públicos em que encontramos outras pessoas é extremamente importante não apenas para o futuro do lugar em que vivemos, mas para o futuro do mundo todo. (BAUMAN, 2013, p. 5.)

Duas dinâmicas básicas montam a engenharia de nosso tecido social. Bem sabemos como o princípio de conservação das instituições, através de longa diacronia, lança-nos na situação cautelosa perante o estrangeiro, com seus universos existenciais diferentes e não tão compreendidos de modo rápido e prático. Assim, a dialética entre o que nos seria próprio e o que nos seria alheio coloca a girar um acervo de procedimentos cautelares e também de aberturas para empenhamentos entre o conhecido e o desconhecido.

O viés da socioestética pacifista e negociadora de Eytan Fox relativamente nos aponta a dimensão da mixofilia, resguardados alguns procedimentos cautelares tomados por várias personagens da narrativa fílmica. Narrativas pessoais e familiares são dispostas no dialogismo entre o palestino e o judeu, sem que eles se sintam constrangidos na coexistência do “existir-com” e, talvez até mesmo naquela densidade mais complexa do “existir-para”.

Exemplo dessa cumplicidade empática e corajosa em montar histórias conjuntas e inclusivas, e quando acompanhamos Noam contando, assim como Ashraf lhe havia feito antes, suas estórias de quando morara em Jerusalém. Nesse ponto do filme, ficamos sabendo que de fato os dois foram conterrâneos na cidade dividida. Noam explorará as cisões dentro de sua própria família judaica em relação aos conflitos israelo-palestinos, algo que também ocorria no contexto familiar de Ashraf. Enquanto sua mãe possuía índole pacifista, o pai e irmão afundavam-se na apatia quanto aos enfiamentos brutais no cotidiano da cidade. Vejamos a estória que ele conta ao namorado:

Noam: Você se lembra do parque entre French Hill e Issawiya?

Ashraf: Sim, o parque dos judeus. Nunca fomos lá.

Noam: No início todas as crianças jogavam lá. Até que fizemos seis anos. Talvez tenhamos jogados juntos.



Ashraf: Acho que não. Senão eu teria te visto. Estou brincando.

Noam: Meu pai era o presidente do comitê de bairro. Havia reclamações sobre crianças árabes assustando outras crianças. Então ele deu uma ordem que impedia os meninos de Issawiya de jogarem ali. Minha mãe teve uma briga terrível com ele. Ela convidou todas as mães e crianças de Issawiya para virem a uma festa de reconciliação no pátio do recreio. Meu pai riu dela. “Tente a paz mundial.” Ele disse que ninguém viria. E no dia da festa, ninguém veio. Nem mesmo as mães de Israel. Depois descobrimos que estavam assustadas. Sentamos ali, bebendo suco e comendo bolo. Ela me empurrou alto no balanço. Em casa, meu pai e meu irmão assistiam a um jogo de futebol na tv. Depois, no banho, notei que minha mãe tinha lágrimas nos olhos. Ela tentava enxugar. Então, fingi que não via. Pode parecer loucura, mas acho que nesse dia a doença começou no corpo dela. De alguma maneira, estou certo disso. (FOX, 2006, 00h39m)

De fato, o casal de protagonistas vivera juntos na infância em um território dividido pela intolerância de políticas públicas oficiais de cunho separatista. Esta experiência estava provavelmente no plano daquela coexistência do “existir-ao-lado de”, quando muito. Colocamos o termo condicional, pois o “campo dos judeus” ou French Hill de fato já estava oficialmente separado do território palestino que é Issawiya. O muro da arabeofobia já estava consistente e criava também a reação da judeofobia implacável que separaria duas crianças com mais semelhanças psicossociais do que dessemelhanças. A ininteligibilidade da guerra é colocada, então, em foco reflexivo nesse encontro de estórias singulares desse dois rapazes, e ao mesmo tempo está imersa no cunho social heterogêneo, feito também de forças inusitadas que proporcionaram tal encontro.

Sabemos que a relação de Noam e Ashraf será breve no presente da narrativa fílmica, pois ela é de natureza provisória quanto ao entorno de crônicas violências comportamentais no âmbito massivo. O jovem palestino será envolvido em uma tragédia que o exército israelense ocasiona no seio de sua família em Nablus. Sua irmã é morta na véspera de seu casamento. Seu futuro cunhado, atuante no movimento político do Hamas, terá de vingá-la para salvaguardar a tradição e honra da família. No entanto, é Ashraf que se sente no dever de cumprir tal ação de vinganças e se esforça, mesmo contra sua vontade,



para cumpri-la. Arma-se como homem bomba, cruza o posto de controle entre Nablus e Tel Aviv-Yafo pela última vez, posiciona-se em na rua do bistrô onde seus amigos judeus lhe conseguira emprego, é percebido por Noam, abraça-se ao amante e explodem juntos. A morte nos lembra da tragédia de William Shakespeare, Romeu e Julieta. No entanto, é uma morte que amplia, como sistematicamente refletimos nesse estudo, a dimensão egocêntrica liberalizante para o plano da dimensão social coletivizada tanto em seus princípios de vida quanto em seus princípios de morte. Ao final, a mídia local anuncia que o tal terrorista palestino poderia ter matado um número grande de pessoas e que algo inesperado o fez matar apenas a si mesmo e um rapaz com o qual morrera abraçado.

Ao cabo da explosão “terrorista”, a voz em *off* de Noam já morto, e talvez esperando certa redenção, é-nos oferecida e ele nos fala:

Noam: Hubi (Ashraf), meu amor... vamos voar alto. Talvez além da fumaça e da luta haja um lugar melhor. Talvez haja um paraíso onde possamos nos amar. Eu não sei... Gostaria de saber se tivemos uma chance de verdade... Se, incluindo esse momento, tivemos uma oportunidade... Lulu e Yali, por certo, porão uma fotografia nossa nos jornais. Talvez a da *rave*, onde parecemos todos bem e felizes. Quem sabe as pessoas vejam como somos bonitos e entendam como são estúpidas essas guerras. Não, provavelmente nunca entenderão (FOX, 2006, 00h3m53s).

Longe de se configurar com textualidade fílmica melodramática e cética,¹⁰ *A bolha/Ha-Buah* nos oferece um quadro de coexistências pessoais e sociais capaz de nos questionar sobre as relações sociais entre jovens e conservadores aparatos institucionais mantenedores e impulsionadores de guerras implacáveis. Diante de tais adversidades históricas, percebemos como Eytan Fox e sua equipe de produção destacam as possibilidades de reconstruções

¹⁰ A fortuna crítica do filme de Eytan Fox basicamente se divide nas posturas de se considerá-lo como produto cultural superficial, melodramático e juvenil ou como um filme complexo, dialético e de fina alegoria em relação aos segmentos juvenis israelo-palestinos contemporâneos, seja em processo de confronto ou de negociações políticas e culturais. Para essa temática de crítica estética e ideológica, acompanhamos TAYLOR (2017); CATSOULIS (2017); FRIEDMAN (2009); GINSBURG (2005); AKCELRUD (1986).



possíveis de nossas crenças quanto aos princípios de nacionalidades exclusivas e de nacionalidades inclusivas.

Percebemos também como a espacialidade de um *playground* em Jerusalém, em seu simbolismo e em sua razão prática, é capaz de veicular a potência da mixofilia quanto aos encontros entre uma família israelense e uma palestina. Mesmo que a tragédia seja o resultado pragmático das células de conflito que conformam a narrativa, Eytan Fox nos ocasiona salutar catarse ao percebermos que pessoas justas sofrem de modo injusto e que se continuarmos a cultivar os campos da morte, tais ações também podem se voltar contra nós, em dinâmica *ad infinitum*.

Por fim, lembramo-nos novamente das reflexões de Zygmunt Bauman quanto aos fatos relacionais de nossa contemporaneidade. No tema de nossa capacidade de produzirmos o estranho, e o corolário que disso surge, em sua correspondência com o que desejamos e achamos seguro de modo exclusivo. Para esse pensador contemporâneo:

A oposição “manutenção da ordem versus violência” não é mais do que uma das múltiplas oposições gerais e englobantes (como as traçadas entre razão e paixão, racionalidade e afectividade), que se sobrepõem graças a uma outra oposição moderna fundamental: entre o controlado e o incontrolado, o regular e o irregular, o previsível e o imprevisível. A actividade ordenadora, o maior passatempo das instituições modernas, consiste principalmente na imposição da monotonia, da repetição e da determinação — tudo o que resista a esta imposição é a selvajaria de além-fronteiras, um território hostil ainda por conquistar ou, pelo menos, a pacificar. A diferença entre o espaço controlado e o incontrolado é a diferença entre a civilidade e a barbárie. (BAUMAN, 2013, p. 150).

Considerações finais

Após Noam e Ashraf terem sua primeira relação sexual, travam o seguinte diálogo, em uma sacada de um prédio de Tel Aviv-Yafo:

Noam: Foi horrível!

Ashraf: Nós? Você não...

Noam: Nós não. A mulher no posto de controle.

Ashraf: Há muitas estórias assim. Jihad, o sujeito ao meu lado no posto de controle, está comprometido com minha irmã. Seu pai teve um ataque cardíaco. O posto de



controle interceptou a ambulância. Eles a vasculharam e a retiveram por uma hora. Ele morreu na entrada do hospital. Se eles não a tivessem parado...

Noam: Sabe por que existem esses postos de controle? Eles não estiveram sempre ali.

Ashraf: Não comece com sua propaganda. Esqueça a política.

Noam: Pensou que eu disse que fomos horríveis?

Ashraf: Talvez.

Noam: Nós fomos explosivos.

Ashraf: Explosivos?

Noam: Não conhece essa palavra?

Ashraf: Conheço... Como explode algo, como uma bomba.

Noam: Pode significar legal também. Explosivo, explosão, explodir. Sexo bom é explosivo.

Ashraf: Explosivo (FOX, 2006, 01h32m).

Os diálogos são construídos quase que no viés da paródia séria. Falam dos postos de controle, dos atentados terroristas, da juventude esperançosa por tempos melhores e dos prazeres eróticos/sexuais respeitadores da multiculturalidade de ambos.

A priori, pensamos que a dimensão dos enamorados excluiria a dimensão social maior dos conflitos crônicos que os dois jovens vivenciam. Lembramo-nos aqui do instigante fato de que na parede do quarto provisório dos amantes, a câmera cinematográfica insiste em nos evidenciar um dos maiores *slogans* dessa trama que é *I love love Tel Aviv!* Porém, a razão prática nos indica que ambos estão imersos em um processo de negociação empática, amorosa e de cunho expandido de seus foros pessoais para o foro coletivo macroestrutural. Tal expansão atinge as multietnorraças de ambos, no propósito de encontrarem condições de pacificação conjunta e de fato recíproca, para ao menos atenuar as consequências das diásporas¹¹ semelhantes que os dois povos sofrem durante milhares de anos, por conta de causas variáveis.

¹¹ Por diáspora acompanhamos as reflexões de Stuart Hall (2001) no sentido em que esse pensador pensa o fenômeno histórico do povo judeu e no sentido expandido também impresso em qualquer migração por questões de expropriação de condições básicas de vida de outros povos e indivíduos. Hall inclusive faz várias alusões sobre sua diáspora pessoal do Caribe para a Inglaterra. Assim, o conceito também pode ser usado em referência a povos e



Se a tradição da guerra implica produção antecipada e equivocada da outridade tida como estranha de modo intrínseco, o que a torna fonte de supostos e/ou inúmeros perigos concretos, a tradição da mixofilia encarrega-se de proporcionar modalidades de coexistência amigáveis, dialógicas e cooperativas. Talvez esse seja o ponto prático e exemplar a que Eytan Fox pretende chegar, apesar do final trágico de sua narrativa fílmica.

O plano da objeção de consciência, quanto aos dispositivos de exclusão e de destruição, seja intencional ou não, funciona aqui talvez como uma proposta de intervenção num estado de coisas que, do jeito que segue, torna os dois lados drasticamente improdutivos e autodestrutivos.

Assim, de uma forma uma tanto enviesada, esse filme lembra de que o contexto pode ficar pior, quando insistimos em consolidar fronteiras, postos de controles, muros, armamentos e intolerâncias de várias ordens. Tais disposições bélicas, repetidas *ad nauseam*, acentuam a índole e operacionalidade concreta da mixofobia perante estranhos provisórios que podem, quando assumimos posturas coexistenciais do “existir-com” e do “existir-para”, ser transformados em nossos companheiros reterritorializados e subjetivados de modo humanitário e justo, no plano das identidades transversais, sistematicamente inclusivas e em constantes fluxos de produção.

Referências

AKCELRUD, Issac. *O Oriente Médio*. Origem histórica dos conflitos. Imperialismo e petróleo. Judeus, árabes, curdos e persas. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. Sobre Mixofilia e mixofobia. In. _____. *Sobre educação e Juventude: conversas com Riccardo Mazzeo*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *A vida fragmentada: ensaios sobre a Moral Pós-Moderna*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

indivíduos que são obrigados a deixarem suas casas, seus países para se abrigarem/refugiarem em territórios que lhes sejam receptivos.



BEN-MEIR, Alon. The Israeli-Palestinian Conflict: To Where? Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/alon-benmeir/the-israeli-palestinian-c_b_13333172.html>. Acesso em: 20 jan. 2017a.

BEN-MEIR, Alon. Incentives and Peace [Part 1]. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/alon-benmeir/incentives-and-peace-part_b_11565842.html>. Acesso em: 20 jan. 2017b.

BEN-MEIR, Alon. Incentives and Peace [Part 2]. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/alon-benmeir/incentives-and-peace-part_b_11651958.html>. Acesso em: 20 jan. 2017c.

BEN-MEIR, Alon. A Movement to End the Israeli-Palestinian Conflict. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/alon-benmeir/a-movement-to-end-the-isr_b_10993506.html>. Acesso em: 20 jan. 2017d.

BROWN, Byhannah. Fantastic Mr. Fox. Disponível em: <<http://www.jpost.com/Arts-and-Culture/Entertainment/Fantastic-Mr-Fox>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

B'TSELEN (The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories). Checkpoints, Physical Obstructions, and Forbidden Roads. Disponível em: <http://www.btselem.org/freedom_of_movement/checkpoints_and_forbidden_roads>. Acesso em: 15 fev. 2017a.

B'TSELEN. Infringement of the Right to Medical Treatment. Disponível em: <http://www.btselem.org/medical_treatment>. Acesso em: 16 fev. 2017b.

B'TSELEN. Effect of restrictions on the economy. Disponível em: <http://www.btselem.org/freedom_of_movement/economy>. Acesso em: 16 fev. 2017c.

B'TSELEN. Strict movement restrictions in East Jerusalem are prohibited collective punishment of Palestinians. Disponível em: <http://www.btselem.org/jerusalem/20151020_jm_closure>. Acesso em: 16 fev. 2017d.

BURCH, Michael R. The Shministim: Israeli Refuseniks and Dissenters. Disponível em: <<http://www.thehypertexts.com/The%20Shministim.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2017.



CATSOULIS, Jeannette. *The Warmth of Comfort Zones: The Bubble*. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2007/09/07/movies/07bubb.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

DUPAS, Gilberto; VIGEVANI, Tullo. *Israel-Palestina: a construção da paz vista de uma perspectiva global*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

EZRAHI, Yaron; BULLETS, Rubber. *Power and Conscience in Modern Israel*. Berkeley and London: University of California Press, 1997.

FOUNDATION FOR MIDDLE EAST PEACE. Disponível em: <<http://fmep.org/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

FOX, Eytan. *Yossi (יוסי של הסיפור)*. Israel. Roteiro de Itay Segal. Produção de Moshe Edry, Amir Harel, Leon Edry e Eytan Fox. 2012. 84min.

FOX, Eytan. *A bolha (הבועה/Ha-Buah)*. Israel. Roteiro de Eytan Fox e Gal Uchovsky. Produção de Ronen Ben Tal. 2006. Drama. 1 CD-ROM. 117min.

FOX, Eytan. *Walk on Water (המים על הלכת)*. Israel. Roteiro de Gal Uchovsky. Produção de Amir Harel. 2004. Drama. 1 CD-ROM. 103min.

FOX, Eytan. *Yossi & Jagger (יוסי וג'אגר)*. Israel. Roteiro de Avner Bernheimer. Produção de Amir Harel e Gal Uchovsky. 2002. Drama. 1 CD-ROM. 67min.

FRIEDMAN, Jonathan C. The problematic Ethnic and Sexual Discourses of Eytan Fox's *The Bubble*. In: _____. (Ed.). *Performing Difference: Representations of 'The Other' in Film and Theatre*. Lanham, Maryland: University Press of America, 2009.

GINSBURG, Shai. *Between sex and country: The films of Eytan Fox*. *Tikkun* 20(3):75, 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2001.



JEWISH VOICE FOR PEACE. Disponível em:
<<https://jewishvoiceforpeace.org/people/>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

MORRIS, Benny. *Righteous Victims: A History of the Zionist-Arab Conflict 1881-1999*. New York: Knopf, 1999.

OZ, Amos. *Israel, Palestine and Peace: Essays*. San Diego: Harcourt Brace & Co, 1994.

OZ, Amos. *In the Land of Israel*. San Diego: Harcourt Brace & Co, 1993.

PERRY, Donna, J. *The Israeli-Palestinian Peace Movement – Combatants for Peace*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

TAYLOR, Ella. *The Bubble*. Disponível em:
<<http://www.houstonpress.com/film/the-bubble-6540511>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise Fílmica*. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1994.

YAZBEK, Mustafa. *O movimento palestino*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

Recebido em: 11/03/2017.

Aprovado em: 11/04/2017.